

## *Apresentação*

A historiografia brasileira tem sido marcada pela *invisibilidade* dos afro-descendentes. A imposição dessa qualidade, exercida de forma orquestrada e sistemática, fez com que, nos anos 1970, em vários estados brasileiros, grupos formados por diversos setores da comunidade afro-descendente desenvolvessem uma reflexão abrangente sobre a situação social, política, econômica e cultural do país, e em especial sobre o processo de exclusão dos afro-descendentes nesse contexto.

Foram muitos os grandes pensadores/articulares que contribuíram para essa reflexão. Mas, dentre todos, destacou-se uma figura feminina: Lélia de Almeida Gonzalez, ou **Lélia Gonzalez**, como ficou conhecida. Sua atuação sempre foi caracterizada pela capacidade de articular, com extrema propriedade, sobre a questão do povo negro, em geral, e da mulher negra, em particular.

Militante negra e feminista, atuou como desencadeadora das mais importantes propostas de atuação do Movimento Negro Brasileiro. Participou da criação do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN-RJ), do Movimento Negro Unificado (MNU), em nível nacional, do Nzinga Coletivo de Mulheres Negras-RJ, do Olodum-BA, dentre outros.

Lélia foi, sem dúvida, responsável pela introdução do debate sobre o racismo nas universidades brasileiras, além de ter entoadado a palavra negra brasileira nos mais importantes fóruns internacionais de luta contra o racismo. Tornou-se referência, não só da luta negra como também da luta feminista no Brasil e no exterior.

Com fundamentação e determinação, Lélia Gonzalez sabia, como ninguém, conjugar filósofos, sociólogos, antropólogos, psicanalistas, integrando o pensamento de Malcolm X, Frantz Fanon, Steeve Biko, Nelson Mandela e muitos outros, em suas reflexões, palestras, conferências nacionais e internacionais. Com voz firme e forte, falando em bom “pretoguês” (como fazia questão de afirmar), em inglês, francês e espanhol, quando necessário, Lélia conduzia seus ouvintes a uma viagem através dos antigos Impérios egípcios, gregos, romanos, passando pela cosmopolita Nova York e, muitas vezes, terminando na favela da Rocinha ou da Mangueira. Fazia isso no sentido de demonstrar uma articulação universal do próprio ser humano, ao mesmo tempo que identificava e ressaltava a grandiosidade do povo negro.

A iniciativa de colocar o pensamento de Lélia Gonzalez para você, através desse sítio, desse portal (que, com certeza, ela gostaria de chamar *aldeia*) é um dever para com a ancestralidade — passada e futura, pois Lélia representou “a” griot que conta histórias verdadeiras para seu povo. Mas como griot de saias<sup>1</sup>, ela falava e ensinava não só para preservar, mas, principalmente, para resgatar as genealogias, as origens e as tradições de seu povo, para que esse povo negro alcançasse — e alcance — a consciência e resgatasse — e resgate — igualmente o orgulho de si mesmo, para a superação da condição de exclusão em que foi colocado do ponto de vista histórico, político, social e econômico.

---

<sup>1</sup> Originalmente a palavra “griot”, de origem francesa, é um substantivo masculino.

Entendemos que se você quer homenagear Lélia Gonzalez, a maneira adequada é cooperar para que negras e negros alcancem a consciência e resgatem o orgulho de si mesmos, para a superação das barreiras, alcançando a dignidade e o empoderamento, como cidadãs e cidadãos, com os mesmos direitos e os mesmos deveres. Isso, diria Lélia, você consegue tendo compreendido a realidade do povo negro no Brasil e na África, com foco no conhecimento que trouxeram; na filosofia que fundamenta sua visão de mundo; na tecnologia que dominavam tão bem, a ponto de ser essa tecnologia a impulsionadora do desenvolvimento desse País, desde o período colonial; na competência no saber viver respeitando toda a natureza; na capacidade de criar, em diferentes níveis, e na fraternidade, que, hoje, é considerada como característica importante do povo brasileiro – *como se o povo e a cultura brasileira não fossem caracteristicamente negros...* diria ela.

*Axé Muntu!\**

como dizia Lélia Gonzalez

*nascimento:* 01 de fevereiro de 1935

*falecimento:* 10 de julho de 1994

Ana Maria Felipe

2005

\*expressão de saudação criada por Lélia, misturando as línguas ioruba (axé – poder, força, energia, tudo de bom) e kimbundo (muntu – gente).